

conclusões, ao observarmos a exaltação do movimento T'ung-Chih pelo Kuomintang e a implacável oposição dos comunistas chineses ao confucianismo em geral e à Restauração de 1860 em particular. Melancólicas, contudo, são as palavras da Autora relativamente ao regime de Chiang Kai-shek, como se vê: **"The whole of the neo-Restoration of the Kuomintang was a dismal failure, a far sadder spectacle than the T'ung-chih Restoration it tried to copy. Local control was not reasserted. Army morale was not restored. There was never really any effort to revive the Confusian economy. And above all there was no resurgence of Confusian values and mores. To call this distorted echo the last stand of Chinese conservatism would be to insult a magnificent tradition"** (pág. 312).

**PEDRO MOACYR CAMPOS**

\* \*  
\*

DERMIGNY (Louis). — **U.S.A. Essai de Mythologie Américaine.**  
PUF. Paris, 1958. 150 págs.

A atitude, que dirigiu os passos do Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Montpellier, foi o de uma tentativa de análise psicanalítica da sociedade estadunidense, dividindo o seu trabalho nos seguintes tópicos: "A morte do pai"; "A mulher e o signo"; "O despertar do tempo".

Com efeito, os E. U. A. oferecem, particularmente no século atual, um dos panoramas mais singulares para o estudo da sociedade capitalista contemporânea. A vitória tecnológica impôs condições tais que o transformou num "mito". Diante dele a atitude de "descoberta", um fato quase constante, é praticamente um rito. Mas a "descoberta" se fez lentamente do século XIX para os nossos dias e por isso, diz o Autor, ela "procede de uma tradição: aquela que ilustrou de Alexis de Tocqueville a Siegfried" (pág. 7). Porém, esta tradição passou a refletir uma situação paulatinamente: a falência europeia diante de suas contradições e o aproveitamento que disto resultou para os E. U. A., marcadamente após o conflito de 1914-1918. Assim, da "descoberta" passou-se à idealização, que acabou por impor padrões em virtude da crise da burguesia europeia. Os dois fatos se completam.

Entretanto os E. U. A. são em outras terras e condições, a vitória de um mesmo sistema econômico e a constituição, também, de uma classe burguesa. Diante disto: "à uma Europa vacilante, cujas lembranças não são mais suficientes para alimentar, a América, terra de experimentação e de futuro, oferece perspectivas e métodos novos" (pág. 10). E' preciso, todavia, indagar da consistência desse "mundo novo", que se coloca ante o bloco de tradições europeias, geradoras da América. Tanto mais, que essa atitude deve "permitir à Europa retomar consciência de si mesma, não por imitação, cer-

tamente, mas por fecundação recíproca” (pág. 10), porque afinal os parentescos parecem ilusórios e a Europa deve distanciar-se (**id. passim**).

Procurou o Prof. Dermigny mostrar como a sociedade norte-americana se vê “heróica” e “libertária”. Assim, a glorificação do “herói” (ancestral ou próximo da imigração o identifica sempre), que se libertou vindo colonizar o país, e realizando desta maneira o ideal de liberdade. É característico do estadunidense julgar-se, diz o Autor, “uma nação que se pensa coletivamente como um imigrante ideal: o herói que escolheu a liberdade” (págs. 39 e segs.).

O comportamento das gerações novas (“A morte do pai”), é para o Autor a tentativa de desconhecimento de uma filiação extra-americana, ou de experiência anterior, e finalmente, o que se constata é a ausência da autoridade paterna e o ideal de infância completamente independente (pág. 19). No caso do imigrante a questão é aguda, pois “A ruptura do imigrante com a Europa se prolonga ou, melhor dizendo, se completa numa ruptura entre seus filhos e êle” (págs. 27 e segs.).

Nota ainda o Autor uma predominância feminina na sociedade estadunidense (“A mulher e o signo”), e por isso “consequência capital: consciência americana e escala de valores são predominantemente femininas” (pág. 56). Daí um idealismo norte-americano, “atitude complexa, que consiste em emitir regras morais para uso dos outros, sem que se seja obrigado entretanto a observá-las” (pág. 57).

Este livro, em que o Autor vê a América como “massa enorme levada num incessante movimento, na verdade a América não é senão espaço e movimento; ela não entrou ainda no tempo, ou apenas começa a entrar: ante-histórica, ela permanece na idade do mito” (pág. 9), é de leitura sugestiva, e apresenta, sem dúvida, temas significativos para reflexão a nós outros, os que vivemos ao sul do Rio Grande.

**LUÍS LISANTI**

\* \*  
\*

**In Memoriam do Prof. Albert Ray Newsome (1891-1951).**

**Studies in Southern History.** Chapel Hill. The University of North Carolina Press, 1957. Vol. 39 do **James Sprunt Studies in History and Political Science**, editado por Fletcher M. Green diretor, William Whathey Pierson, J. Carlyle Sitterson e James E. King. 168 págs.

**The Graduate History Club** (Clube de História dos Graduados) da Universidade de Carolina do Norte (**Chapel Hill**) apresenta em **Studies in Southern History**, um volume de ensaios, em memória do falecido e mui estimado professor Albert Ray Newsome (1891-